

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE  
FACULDADE DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
MODERNAS

UMA DESCRIÇÃO MORFO-SINTACTICA DAS  
EXTENSÕES VERBAIS EM CINYANJA

TRABALHO DE PROJECTO APRESENTADO EM  
CUMPRIMENTO PARCIAL DOS REQUISITOS EXIGIDOS  
PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE LICENCIATURA EM  
LINGUÍSTICA

Fernando Ernesto  
*Supervisor: dr. Bento Sítio*

Maputo, Maio de 1998

LT-27

**UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE  
FACULDADE DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS**

**UMA DESCRIÇÃO MORFO-SINTÁCTICA DAS  
EXTENSÕES VERBAIS EM CINYANJA**

*TRABALHO DE PROJECTO APRESENTADO EM  
CUMPRIMENTO PARCIAL DOS REQUISITOS EXIGIDOS  
PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE LICENCIATURA EM  
LINGUÍSTICA*

**Fernando Ernesto**  
*Supervisor: dr. Bento Siteo*

Maputo, Maio de 1998

81366 = 432.932  
E 71d

F. LETRAS U.E.M.
R. E. 27084
DATA 14/fevereiro/00
AQUISIÇÃO Oferta
COTA LT-27

Dedicatória

*À memória inesquecível de Ketulo, meu pai,  
a Agnes Supune Mulelemba, minha mãe querida,  
aos meus irmãos e à minha namorada  
a quem devo este percurso  
dedico*

## Agradecimentos

*Agradeço de coração ao dr. Bento Siteo, pelas acaloradas discussões e vezes sem conta divergências na visão desta ou daquela teoria e sobretudo por ter aceite o desafio da última hora. Também ao doutor O. Krüger pela iniciação conjunta (quantas vezes "desencotramo-nos") a todos os meus professores, colegas e amigos, a Giovanna Cereda, Duarte, Cipriano e a você também que me lê, obrigado.*

## DECLARAÇÃO

Declaro que este trabalho de projecto nunca foi apresentado na sua essência, para obtenção de qualquer grau, e que ele constitui o resultado da minha investigação pessoal, estando indicados no texto e na bibliografia as fontes que utilizei.

## ABREVIATURAS USADAS

- 1 - APL \_\_\_\_\_ aplicativa (extensão)
- 2 - CAUS \_\_\_\_\_ causativa (extensão)
- 3 - cv \_\_\_\_\_ consoante e vogal (sílabas)
- 4 - EST \_\_\_\_\_ estativa (extensão)
- 5 - EXV \_\_\_\_\_ extensão verbal
- 6 - fut \_\_\_\_\_ futuro (tempo verbal)
- 7 - INDE \_\_\_\_\_ Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação
- 8 - INT \_\_\_\_\_ intensiva (extensão)
- 9 - LB \_\_\_\_\_ Língua Bantu
- 10 - LFG \_\_\_\_\_ Lexical Functional Grammar
- 11 - mn \_\_\_\_\_ marca da negação
- 12 - mo \_\_\_\_\_ marca do objecto
- 13 - ms \_\_\_\_\_ marca do sujeito
- 14 - mt- \_\_\_\_\_ marca do tempo
- 15 - N31 \_\_\_\_\_ N=zona, 30=grupo, 1=língua (Nyanja segundo Guthrie)
- 16 - pass \_\_\_\_\_ passado (tempo verbal)
- 17 - PASSIV \_\_\_\_\_ passiva (extensão)
- 18 - PEBIMO \_\_\_\_\_ projecto de escolarização bilingue em Moçambique
- 19 - pr \_\_\_\_\_ pronome reflexo
- 20 - pres \_\_\_\_\_ presente (tempo verbal)
- 21 - REC \_\_\_\_\_ recíproca (extensão)
- 22 - REV \_\_\_\_\_ reversiva (extensão)
- 23 - vt \_\_\_\_\_ vogal terminal

## RESUMO

Com este trabalho pretendemos mostrar que as extensões verbais são parte da morfologia derivacional a partir da qual se formaram, ou ainda se formam, novos verbos na língua nyanja. No primeiro capítulo falamos da língua nyanja, sua classificação segundo Guthrie (1967/71), a variante a que nos propomos estudar, o tema e os motivos que nos levaram a escolher este tema. No segundo capítulo apresentamos o quadro teórico; as várias teorias e seu enquadramento. No terceiro percorremos sumariamente sobre os estudos mais relevantes feitos nesta língua. No quarto capítulo apresentamos os métodos que usamos na recolha e análise dos dados que fazem parte do nosso "corpus". No quinto capítulo temos a definição da extensão e pseudo-extensão com a apresentação da estrutura do verbo simples e extenso, a descrição das extensões verbais e das coocorrências extensivas. E no fim apresentamos as conclusões, a bibliografia consultada e os anexos: quatro quadros sistematizando os dados das extensões.

## ÍNDICE

<b>CAPÍTULO I - Introdução</b> -----	<b>Pág.2</b>
1.1. A língua -----	2
1.2. A variante -----	2
1.3. O Tema -----	4
1.4. Os motivos da escolha do tema -----	4
<b>CAPÍTULO II - Quadro teórico</b> -----	<b>5</b>
<b>CAPÍTULO III - Estudos anteriores sobre a língua nyanja</b> -----	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO IV - Métodos de pesquisa e de recolha dos dados</b> -----	<b>13</b>
4.1. A recolha dos dados -----	13
4.2. A análise dos dados-----	14
<b>CAPÍTULO V - Extensões verbais e coocorrência das extensões verbais</b>	
5.1. Definição da extensão e da pseudo-extensão-----	15
5.1.1. Extensão Aplicativa -----	19
5.1.2. Extensão Causativa -----	21
5.1.3. Extensão Passiva -----	23
5.1.4. Extensão Recíproca -----	25
5.1.5. Extensões Reversivas -----	27
5.1.6. Extensão Estativa -----	29
5.1.7. Extensões Intensivas -----	31
5.2. Coocorrência das extensões verbais -----	33
5.2.1. Causativa e Recíproca -----	34
5.2.2. Aplicativa e Recíproca -----	35
5.2.3. Aplicativa e Passiva -----	36
5.2.4. Aplicativa e Estativa -----	37
5.2.5. Causativa e Estativa -----	38
<b>CONCLUSÕES</b> -----	<b>40</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b> -----	<b>42</b>

### **Anexos**

1. Quadro das extensões verbais
2. Quadro das coocorrências
3. Quadro estatístico da distribuição das extensões
4. Quadro da ordem das ocorrências

## **CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO**

### **1.1. A LÍNGUA**

O Cinyanja é uma língua que pertence ao grupo das línguas Bantu onde recebe a classificação N31 segundo Guthrie (1967/71). Ela é falada maioritariamente nas províncias da Zambézia, Tete e Niassa em Moçambique. É também falada nalguns países vizinhos como é o caso do Malawi, Tanzania, Zâmbia e Zimbábwe.

O Cinyanja é uma língua aglutinante. Nas línguas aglutinantes, a unidade linguística que geralmente é designada por palavra (nome) é formada por afixação de morfemas (afixos) presos a um outro ou a um radical que constitui o núcleo da palavra como se pode ver mais adiante no ponto 5.1. na frase 3). Chilipaine (s/d) diz que a identificação de cada morfema é possível apenas pelo seu uso.

### **1.2. A VARIANTE**

A variante da língua nyanja a que nos propomos estudar é a de Milange.

Esta variante caracteriza-se pela não ocorrência do som [r], ocorrendo sempre o som [l] no lugar onde ocorre [r] nas outras variantes. De acordo com os dados do I Seminário sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas, (Nelimo, 1989:35), que toma o Cinyanja falado ao longo do Lago Niassa e em Tete como referência da proposta ortográfica, "há casos em que se regista uma variação entre os sons [l] ~ [r] como por exemplo:

galimoto ilo            'aquele carro'  
galimoto iro            'aquele carro'.

Enquanto que na variante de Milange o som [r] nunca ocorre, nas outras variantes a sua ocorrência pode ser previsível. Segundo Nankwenya (1992:17), "depois das vogais a, o, u deve ocorrer L mas depois das vogais e, i deve ocorrer R". Tal é a variante de Angónia. Há contudo, quem acha que [l] e [r] representam fonemas, variantes alofónicas que podem alternar-se mutuamente sem alterar o significado das palavras. Nalguns casos o som [r] parece marcar uma nova variante, uma variante de prestígio (recomendada na escrita) e para a qual se fez a seguinte regra geral: [l] → [r] / {e;i}—

Os dados de que dispomos mostram que na variante de Milange ocorre ao nível fonético um processo de substituição de [r] por [l] que podemos sistematizar na seguinte regra fonológica: /r/ → [l]. Assim, em oposição à de Angónia, podemos considerar a variante de Milange como variante do [l].

Milange é um dos distritos da Zambézia que se situa na parte Leste da província. Ocupa uma área de 9871 km<sup>2</sup>, limitada a Norte pelo rio Lúrio, a Este pelo rio Lugela e a Oeste pela República do Malawi numa região com altitude média de 800m e de bom clima. O distrito tem uma população calculada em cerca de 537000 habitantes que ocupam os seus três postos administrativos; Milange-sede, Mongue e Molumbo. A sua população é maioritariamente camponesa que se dedica ao cultivo de milho, mandioca, feijões - culturas alimentares e o chá - cultura industrial.

### **1.3. O TEMA**

#### **Uma descrição morfo-sintáctica das extensões verbais em Cinyanja**

Com este trabalho pretendemos fazer uma descrição morfo-sintáctica das extensões verbais e das suas coocorrências, que em nossa opinião, constituem um tipo de formação de palavras em Cinyanja particularmente e nas línguas Bantu em geral. Como disse Guthrie (1962:202), “na maioria das línguas da família Bantu o verbo compreende em si vários elementos que podem ser separados e comutados desempenhando cada um deles uma determinada função.” Alguns desses elementos estão presentes em todos os verbos enquanto que outros são regidos por certas restrições quer de carácter semântico quer de carácter morfo-sintáctico. A extensão é um destes elementos que quando associada a certos verbos afecta a sua estrutura morfo-sintáctica e semântica. O trabalho pretende, pois, mostrar que a aplicação de uma extensão simples a um radical verbal alarga o sentido do verbo, o que pode ser considerado criação de uma nova palavra na língua.

### **1.4. OS MOTIVOS DA ESCOLHA DO TEMA**

Este trabalho destina-se a ser uma modesta contribuição aos estudos descritivos do Cinyanja, língua que ainda carece de estudos especializados. O nosso interesse por este estudo advém ainda da já crescente necessidade de se estudarem as Línguas Bantu de Moçambique assim como de contribuir para os

trabalhos que o INDE (Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação) tem vindo a levar a cabo nas suas funções de investigação pedagógica e nos seus esforços de providenciar soluções para melhorar a qualidade e a eficiência do sistema educacional no País bem como valorizar e desenvolver as línguas moçambicanas, contribuir para a padronização das suas ortografias e para a preservação das suas tradições sócio-culturais. Por isso, esperamos que este seja de facto um contributo para o desenvolvimento da língua nyanja em particular e para os estudos que se têm desenvolvido sobre as línguas Bantu de Moçambique em geral.

## **CAPÍTULO II - QUADRO TEÓRICO**

A problemática das extensões verbais nas Línguas Bantu foi pouco tratada e nos trabalhos em que este assunto foi abordado a questão semântica raramente foi tomada em consideração. Os autores que trataram esta questão com mais profundidade focaram mais o aspecto sintáctico, isto é, o aumento ou a diminuição dos argumentos do verbo que uma determinada extensão pode causar ao ser associada a um determinado radical. Matsinhe (1993:163) considera as extensões como sendo um processo da morfologia derivacional que actua sobre o verbo com a função “de mudar a estrutura argumental do verbo a que se aplicam”. E admite que elas afectam a informação semântica dos verbos. Nós pretendemos, a exemplo de Matsinhe, tratar as extensões como um processo morfológico que torna a língua mais fecunda com a criação

de novas palavras. Seria esta então uma derivação sufixal verbal de acordo com Celso Cunha (1982:66) segundo o qual “a derivação sufixal verbal é um processo morfológico de formação de palavras em que um sufixo se associa a um radical para dar origem a um verbo”.

As análises das extensões verbais segundo Firmino (1992:3), “estão associadas a dois modelos; o modelo que segue a teoria de regência e ligação de Chomsky (1981) e a teoria da Lexical Functional Grammar (LFG) de Kaplan e Bresnan (1982)”.

A teoria de regência e ligação de Chomsky (1981, 1982 e 1986) diz que a sufixação das extensões verbais obedece aos processos sintáticos a ele ligados. Baker (1988), por exemplo, advoga a noção de incorporação que é um movimento sintático através do qual uma categoria lexical, neste caso um verbo, é associada a um outro item lexical. O outro modelo oposto ao primeiro é o de Kaplan e Bresnan (1982) que segue a teoria da Lexical Functional Grammar. Para Kaplan e Bresnan a aplicação da extensão verbal a um determinado verbo modifica-lhe a estrutura argumental criando assim um novo verbo com uma nova selecção categorial. De acordo com Firmino (1992:3), “os estudos em LFG assumem que frases podem ser representadas por uma gramática estrutural que pressupõe três diferentes mas paralelos níveis de representação que são: estrutura argumental representando a função semântica dos argumentos dum predicado, estrutura funcional representando as relações gramaticais e a estrutura constituinte representando a organização morfo-

sintáctica das frases ao nível da estrutura de superfície”. A ligação destes níveis é garantida por uma sub-teoria especial, a chamada teoria de “mapeamento” lexical que a partir de generalizações linguísticas estabelece os mecanismos que associam as funções sintácticas e semânticas e pelos princípios de equivalência estrutural ligando a estrutura funcional com a estrutura constituinte.

A LFG aproxima-se das posições segundo as quais as estruturas sintácticas são organizadas de acordo com o modo como os verbos (predicados) fazem o arranjo das funções semânticas. A função semântica é fundamental numa dada frase pois é ela que determina a ordem dos elementos e as suas respectivas funções sintácticas nessa frase. Esta é a razão pela qual qualquer mudança semântica que o predicado possa sofrer implica alterações nos papéis semânticos e conseqüentemente nas funções sintácticas de todos os outros elementos da frase tais como sujeito, objecto primário, objecto secundário e o oblíquo. A gramática de valências diz que a função dos predicados (verbos) é determinante no arranjo e na ordem dos elementos numa dada frase assim como nas suas funções sintácticas. Esta teoria coloca o verbo como elemento nuclear de qualquer frase. Se tomarmos as seguintes frases do português veremos que o verbo ocupa o lugar central na organização sintáctica e semântica da frase:

a) O João veio: dizemos que o predicado é um verbo de um lugar (valência).

b) O João viu o irmão: dizemos que o verbo é de dois lugares.

c) O João deu um livro ao irmão: já temos um verbo de três lugares.

Sempre que aumentamos a valência de um verbo alteramos as funções sintáticas e semânticas dos seus argumentos. Por defender o valor do predicado como elemento que desencadeia todas as relações sintáticas e semânticas numa dada frase, assumimos esta teoria porque de facto a diferença entre dois verbos, ainda que partilhem a mesma raiz, é o valor da sua valência e o tipo de relações que ela desencadeia. A extensão é por excelência o modificador da carga semântica e ao nível sintático aumenta, mantém ou diminui o número de argumentos de um verbo. Entre o verbo de radical simples e o seu morfologicamente relacionado de radical extenso há uma variação de valores semânticos e sintáticos. E qualquer destas variações introduz mudanças. Para demonstrar isso claramente usamos o teste de substituição de predicados em frases semelhantes.

Na linha do que vínhamos dizendo acima sobre Kaplan e Bresnan (1982) importa referir que estes dois autores e defensores da teoria da Lexical Functional Grammar afirmam que as extensões verbais criam novos verbos com uma subcategorização própria. Para eles, as extensões verbais são ou constituem parte do processo morfológico que desencadeia um processo sintático envolvendo frases nas quais ocorrem verbos com extensões.

Achamos, por isso, que este é o modelo mais aplicável a uma descrição morfo-sintáctica das extensões verbais pelo que a nossa discussão vai-se inspirar nele. Como já tivemos ocasião de referenciar ainda neste capítulo, o modelo LFG postula que a estrutura sintáctica é organizada de acordo com o modo como os predicadores seleccionam a categoria semântica dos seus argumentos. Esta é a razão pela qual a estrutura semântica determina as funções gramaticais ou seja as funções do sujeito e do objecto. Em Cinyanja isso pode ser ilustrado com as seguintes frases:

- 1.a) *Ine nd-a-pik-a nsima*  
eu ms-pass-cozinhar-vt massa  
'Eu preparei massa'
- 1.b) *Ine nd-a-pik-il-a mwana nsima*  
eu-pass-cozinhar-APL-vt criança massa  
'Eu preparei massa para a criança'
- 2.a) *Nd-a-on-a- kanema*  
eu-pass-ver-vt filme  
'Vi um filme'
- 2.b) *Nd-a-on-es-a kanema ana*  
eu-pass-ver -CAUS-vt filme crianças  
'Eu fiz ver um filme às crianças'

onde se nota:

1º Aumento do número de argumentos na frase devido à aplicação da extensão.

2º Que o verbo assumiu novas selecções categorial e semântica.

3º Que semanticamente o verbo mudou, isto é, formou-se um novo verbo.

### CAPÍTULO III - ESTUDOS ANTERIORES SOBRE A LÍNGUA NYANJA

Os estudos mais relevantes e de que se faz referência sobre esta língua foram feitos na sua maioria na República do Malawi, por vários acadêmicos dentre os quais se destacam Thomas Price, T. D. Thomson, Chilipaine, e S. A. Chombo.

Price publicou em 1947 "Elements of Nyanja", uma pequena gramática para os estudantes ingleses que aprendiam o Cinyanja como língua segunda. Ele inclui na sua gramática um estudo descritivo das extensões verbais com vários exemplos onde mostra que elas são sufixos verbais com uma função semântica. A partir dos vários exemplos que o autor apresenta depreende-se que Price reconhece, embora implicitamente, que um verbo de radical simples é diferente do seu morfologicamente relacionado de radical extenso no que se refere ao sentido embora ambos tenham a mesma raiz. Estas expressões que retiramos da página 202 da referida obra são bem ilustrativas:

-landa: 'capture' (capturar)\_\_\_\_-landila: 'receive' (receber)

-masula: 'untie'(desatar)\_\_\_\_-masulila: 'translate' (traduzir).

Vê-se que o sentido do verbo simples é diferente do sentido do verbo extenso pois, um não pode ser usado no lugar do outro. E se um não pode ser usado no lugar do outro sob pena de termos sentidos diferentes, podemos concluir que estamos na presença de dois verbos diferentes. Price (1947:202) diz que "frequentemente estes sufixos são empregues sem distinção de significados

mas simplesmente para diferenciar dois sentidos duma mesma palavra”. Diz ainda que “quando os nyanjas têm uma nova noção para exprimir não têm escrúpulos em pegar num sufixo nunca antes empregue com qualquer radical simples e criar com ele um novo significado sem muita referência ao seu valor noutros contextos” (Price, 1947:203).

Thomson publicou em 1955 “A Practical Approach To Chinyanja”, uma gramática que, apesar de pequena, é de inestimável valor. Para Thomson (1955) as extensões verbais são simples sufixos que diferem dos prefixos por estes ocorrerem antes do radical e aqueles ocorrerem depois do radical. Ele diz que a conclusão que se pode tirar após estudos sobre as várias formas verbais é que “ficou firmemente seguro na minha mente que as várias partes duma forma verbal podem receber afixos” (Thomson, 1955:34). Assim, a extensão é tratada como uma forma de variação verbal à semelhança das variações do modo, de tempo, de número, de pessoa etc. Importa referir aqui que apesar de Thomson considerar a extensão como um simples afixo igual aos do modo e do tempo, reconhece que ela introduz no verbo uma mudança e ilustra isso com o seguinte exemplo:

«Ndidzathamanga: ‘I will run’ (hei-de correr)

Ndizamthamangitsa: ‘I will make him run’ (hei-de fazer-lhe correr)».

É essa mudança que quanto a nós deve ser tratada com uma certa relevância e sobre a qual assenta toda a nossa argumentação. Na página 35 da obra que temos vindo a citar, Thomson diz que a extensão causativa “-is-;-es-” pode ter

outro sentido, o de fazer uma coisa vigorosamente ou intensamente". Thomson levanta aqui um problema que também nos interessa. Na verdade, há situações em que esta extensão exprime o sentido da acção intensiva ou vigorosa. E a questão que se coloca é de saber se o sufixo -es- que marca a causativa é o mesmo -es- da intensiva. Será o mesmo sufixo a marcar duas extensões distintas ou são dois sufixos com dois sentidos diferentes? Gostaríamos que mais tarde e num trabalho mais desenvolvido voltássemos a esta questão para aprofundá-la.

Kamedza é um dos mais antigos moçambicanos a fazer um estudo do Cinyanja, na variante da Angónia. Em 1964 publicou sob a chancela dos Missionários da Companhia de Jesus em Lisboa "Elementos de Gramática Cinyanja", uma obra de referência obrigatória para os estudantes da língua nyanja em particular e das línguas Bantu em geral. Sem se deter muito nos assuntos, ele aborda tudo desde fonologia (vogais e consoantes) passando pela morfologia (substantivos, advérbios, adjectivos, numerais, pronomes, preposições, interjeições e verbos) até à sintaxe (orações coordenadas e subordinadas). Kamedza (1964:97) trata as formas verbais extensas como "formas verbais derivadas por sufixação". Depois do Kamedza têm sido publicados trabalhos descritivos da língua nyanja mas que ainda não trouxeram grandes novidades para o nosso tema. Tal é o caso da publicação do Ministério da Educação da Zâmbia de 1964, "Zambian Languages Orthography Approved by the Ministry of Education," que trata da ortografia.

## **CAPÍTULO IV - MÉTODOS DE PESQUISA E DE RECOLHA DOS DADOS**

### **4.1. A RECOLHA DOS DADOS**

A metodologia que seguimos de forma geral, é a observação participante como falante da língua. Ela consiste na recolha de um conjunto de frases onde foram usados verbos com extensões correctamente aplicadas. Já que as frases com verbos extensos são várias e não podendo, de forma alguma, usar todas num trabalho de projecto como este, seleccionamos apenas algumas. Queremos, a partir de um “corpus,” constituir a nossa hipótese de modo tão explícito quanto possível destinada a explicar os factos já observados e prever novos factos. Isso passa necessariamente por uma fase de recolha e classificação dos dados como forma de ordenar o particular para chegarmos às nossas generalizações. E tudo isto dentro do modelo linguístico que pretendemos assumir, a LFG. Em seguida fizemos um arranjo do referido “corpus” de modo a formar um número igual ou pelo menos aproximado de frases para cada tipo de extensão de forma a construir um quadro de sistematização. Uma quantidade bem especificada de frases com extensões foi recolhida de obras escritas como o livro de leitura do aluno da 5ª classe do projecto PEBIMO, a Bíblia, e o Comentário Bíblico. Outras foram recolhidas na medida em que iam ocorrendo espontaneamente num contexto de comunicação com alunos e encarregados de educação dos alunos das Escolas

Primárias de Têngua e Milange na Zambézia. E outras ainda foram recolhidas e registadas durante conversas informais com familiares.

Organizamos um “corpus” composto por 35 frases. Esta organização foi feita com base na obra de Firmino (1992) em que se faz um levantamento e um estudo descritivo das extensões verbais da língua gitonga. Uma outra fonte não menos importante de que fizemos uso foi o trabalho de Siteo (1985) “Categoria das extensões verbais na língua tsonga”, um estudo de várias extensões do Xitsonga. No presente trabalho discutimos apenas algumas extensões, aquelas cuja ocorrência e pertinência julgamos de interesse nesta língua.

#### **4.2. A ANÁLISE DOS DADOS**

A nossa análise é segmental com a ordenação da posição relativa que os afixos ocupam na estrutura do verbo e aplicamos o teste de substituição. Para provarmos que o verbo de radical simples e o seu correspondente de radical extenso são diferentes, fazemos ao longo deste trabalho um teste de substituição que consiste em comparar dois verbos pelo seu uso no mesmo contexto. Antes porém, definimos os elementos que queremos testar, a extensão e a sua ocorrência. De seguida apresentamos o verbo usado num determinado contexto para analisar a sua estrutura semântica, o seu significado de base. Depois aplicamos ao verbo uma determinada extensão e voltamos a usá-lo no mesmo contexto para provarmos as alterações da estrutura morfo-sintáctica e semântica que tal processo provoca. Apresentamos por fim as

possibilidades e as restrições dessa ocorrência aos níveis sintático e semântico. Quanto às coocorrências temos o mesmo procedimento: análise do significado do verbo extenso primeiro para depois aplicar ao verbo extenso uma outra extensão (combinação) e verificar o comportamento sintático e semântico do resultado quer com verbos transitivos quer com verbos intransitivos. Por fim verificamos as restrições na ordem e na estrutura. Queremos referir que a apresentação deste esquema não é linear dada a natureza própria das extensões: umas com muitas restrições e outras com poucas ou nenhuma restrições.

Duas formas verbais, mesmo se aparentemente são iguais, se não podem ocorrer no mesmo contexto conservando o mesmo sentido ou significado, são diferentes. Um verbo derivado pelo uso da extensão é diferente do verbo simples com que partilha a raiz.

## **CAPÍTULO V - EXTENSÕES VERBAIS E COOCORRÊNCIA DAS EXTENSÕES VERBAIS**

### **5.1. DEFINIÇÃO DA EXTENSÃO E DA PSEUDO- EXTENSÃO**

Nas línguas Bantu o verbo é uma unidade estruturalmente complexa, uma junção de morfemas de várias naturezas e com funções diversas. É por esta razão que as línguas Bantu são um exemplo típico de línguas aglutinantes.

"Bantuístas têm estado de acordo no concernerente ao facto de que nas línguas

Bantu a morfologia verbal é mais complexa do que a nominal pela natureza dos sufixos, pelo número de combinações em que se envolvem, pela complexidade das suas funções e pelas suas habilidades na combinação" (Ngunga,1997:237).

De acordo com Schadeberg, citado por Firmino (1992:1), "os verbos das línguas Bantu são constituídos por um radical que compreende em si uma base e uma vogal terminal". A base por sua vez é constituída pelo radical verbal e pelo sufixo da extensão. O radical verbal (rv) dá-nos o sentido de base do verbo que de acordo com Firmino (1992:1) "pode ser modificado pela aplicação da extensão". A vogal terminal é introduzida no verbo por razões fonológicas que se prendem com a estrutura silábica das próprias línguas que evitam ocorrência de palavras que terminam com uma consoante. Ao radical podem-se associar vários prefixos dependentes tais como a marca do sujeito (ms), marca do objecto (mo), a marca do modo e/ou do tempo (mt), a marca da negação (mn) e o pronome reflexo (pr). O seguinte verbo em Cinyanja pode ser muito bem ilustrativo:

3) *Ine si-ndi-na-mu-gul-il-a nsomba*  
m<sub>n</sub>-m<sub>s</sub>-m<sub>t</sub>-m<sub>o</sub>-r<sub>v</sub>-EXV-vt  
não-eu-pass-lhe-comprar-APL-vt peixe  
'Eu não lhe comprei peixe'

si-----marca ou morfema de negação (mn)  
ndi-----marca do sujeito (ms)  
na-----marca do tempo (mt)  
mu-----marca do objecto (mo)  
gul-----radical verbal (rv)  
il-----extensão verbal (EXV)  
a-----vogal terminal (vt)

Sitoe (1985:31) diz que a extensão verbal é “um elemento obtido pela subtração do radical simples ao radical extenso mas com ele relacionado e a sua função incide mais na área de semântica e sintaxe”. Este mesmo autor considera que as extensões verbais “afectam o significado de um verbo de radical simples dando-lhe as mais variadas matizes e algumas delas originam mudanças de relação de transitividade” (Sitoe 1985:31). Segundo ele o verbo é constituído por um radical, normalmente, com uma estrutura silábica CVC ou VC mas há radicais mais longos. Os radicais de forma longa se distribuem em categorias bem definidas. Dentre essas categorias, uns radicais podem ser relacionados com os mais curtos. O tipo de radical mais curto chama-se simples e o longo que com ele se relaciona é o extenso. Assim, “os elementos obtidos pela subtração do radical simples ao extenso são chamados extensões verbais ou simplesmente extensões” (Sitoe, 85:31). Veja-se o quadro abaixo:

- |   |
|---|
| 1. Raiz sem extensão = radical simples; ex: <i>-ona</i> “ver”           |
| 2. Raiz + extensão = radical extenso; ex: <i>-on-ek-a</i> “ser visível” |

Para Matsinhe (1993:136), outro bantuísta que se debruça sobre este tema, as extensões verbais são “afixos derivacionais que afectam a estrutura argumental do verbo a que estão associados e como resultado disso, elas afectam também a informação semântica de tais verbos”. Quanto a nós a extensão verbal é um sufixo derivacional que se associa a um radical verbal

para lhe expandir o sentido de base. Este processo pode ser tratado como parte da morfologia derivacional a partir da qual se formam novos verbos na língua.

A extensão é morfologicamente muito produtiva. Tem poucas restrições, o que faz com que todo o verbo receba uma ou mais extensões. Quanto à variação entre as vogais -i- e -e- que ocorre com quase todos os sufixos das extensões, é um fenómeno da harmonia vocálica. Em geral quando o radical verbal é monossilábico (a) ou quando a última vogal do radical simples é «e» (b) ou «o» (c) a vogal da extensão é -e-. Mas quando a vogal do radical simples é «a» (d), «i» (e) ou «u» (f) então a vogal do sufixo da extensão será -i-. Vejam-se os exemplos:

- 4.a) -dya 'comer' \_\_\_\_\_ -dyesa 'fazer comer'
- 4.b) -lela 'cuidar' \_\_\_\_\_ -lelesa 'fazer cuidar'
- 4.c) -konda 'amar' \_\_\_\_\_ -konedwa 'ser amado'
- 4.d) -thamanga 'correr' \_\_\_\_\_ -thamangila 'correr para'
- 4.e) -lila 'chorar' \_\_\_\_\_ -lilila 'chorar para'
- 4.f) -gula 'comprar' \_\_\_\_\_ -gulika 'ser comprável'

#### **Pseudo-extensões**

A semelhança morfológica dos radicais verbais com outras formas pode induzir-nos a erros de análise no estudo nas extensões verbais pois, existem radicais simples que transportam dentro de si um elemento idêntico a uma extensão. Consideraremos tais radicais de pseudo-extensos. Na verdade, a sua origem é ainda pouco conhecida. Linguistas acham que pode ter havido no

passado radicais de tais pseudo-extensões cujo sentido se foi perdendo com o tempo. Alguns dizem que o problema do conhecimento da origem das pseudo-extensões é complicado pelo facto de muitos sufixos envolvidos na formação de alguns verbos terem perdido o seu sentido original ou então serem recentes, o que dificulta a sua classificação. No quadro a seguir apresentamos um caso de semelhança de radicais simple e pseudo-extenso.

- |  |
|--|
| 1. Raiz sem extensão = radical simples; ex: <i>-bwel-a</i> 'vir'                 |
| 2. Raiz + "extensão" = radical pseudo-extenso; ex: <i>-bwel-ek-a</i> 'emprestar' |

Nota-se pelo sentido que o morfema *-ek-* do radical verbal *-bweleka* 'emprestar' não é nenhuma marca da extensão estativa aplicada ao radical verbal *-bwela* mas parte integrante do radical do *-bweleka*. Pois, a estativa é uma forma qualificativa que indica estado, qualidade imanente ou possibilidade, o que não corresponde ao sentido da forma verbal *-bweleka*. Assim, nada nos sugere que tenha havido uma relação semântica entre *-bwela* e *-bweleka* como também não podemos negar categoricamente a existência de tal relação no passado. Como este, há tantos outros exemplos que não iremos aqui referir e cujo estudo carece de mais dados.

### 5.1.1. EXTENSÃO APLICATIVA

Em Cinyanja a extensão applicativa é marcada pelo sufixo -il-;-el- (-ir-;-er- noutras variantes). Esta extensão ocorre tanto com verbos transitivos como com verbos intransitivos e de movimento indicando temas relacionados com beneficiário/maleficiário, instrumento, causa/razão e locativo. Ao nível sintáctico, esta extensão aumenta o número de argumentos à estrutura do verbo. É também aquela que ocorre com maior frequência entre as extensões aqui estudadas. De acordo com o levantamento estatístico feito, a applicativa detem 37% de ocorrência contra as 22% da passiva, 20% da causativa, 13% da estativa, 8% da recíproca e 0,5% da reversiva (vide anexo 3).

- 5.a) *Ine nd - a - gul - a magalasi*  
eu ms-pass-comprar-vt vidros  
'Eu comprei vidros'
- 5.b) *Ine nd - a - gul - il - a nyumba magalasi*  
eu ms-pass-comprar-APL-vt casa vidros  
'Eu comprei vidros para casa'
- 6.a) *Iye a-ku-ci-dy-a cimanga*  
ele ms-pres-mo-comer-vt milho  
'Ele está a comer milho'
- 6.b) *Iye a - mu - dy - el - a mwana malonda*  
ele-pass-mo-comer-APL-vt criança negócio  
'Ele aldrabou a criança no negócio'

Como se pode concluir destas frases, na primeira o verbo *kugula* indica simplesmente que alguém comprou vidros, temos apenas um argumento *magalasi* 'vidros' OD (Objecto Directo). Mas na frase 5.b) o verbo impõe dois argumentos; o primeiro com a função semântica de beneficiário, também considerado maleficiário se em vez de beneficiar da acção é por ela prejudicado como em 6.b), e sintáctica de OI (Objecto Indirecto) - *nyumba*

'casa' e o segundo com a função semântica de paciente e sintáctica de OD - *magalasi* 'vidros'. A extensão applicativa também exprime a ideia de instrumento como em 7.b) e de causa/razão como em 8.b).

7.a) *Mbalame ya-wuluk-a*  
pássaro pass-voar-vt  
'o pássaro voou'

7.b) *Mbalame ya-wuluk-il-a mapiko*  
pássaro pass-voar-APL-vt asas  
'o pássaro voou com as asas'

8.a) *T-i-yend-a*  
nós-pres-andar-vt  
'Nós andamos'

8.b) *T-i - yend - el - a mau a boma*  
nós-pres-andar-APL.-vt ordens do governo  
'Nós andamos por causa das ordens do governo'

Estas condições todas são realizadas de acordo com o radical verbal a que a extensão se aplica e com os elementos envolvidos na relação. Nos casos em que indica lugar leva sempre um sufixo locativo que pode ser pa-,ku- ou mu- classes 16, 17 e 18 respectivamente como ilustra a frase 9.b).

9.a) *Nda-dy-a*  
eu-pass-comer-vt  
'Eu comi'

9.b) *Nda-dy-el-a-mo m'mbalemo dzulo*  
eu-pass-comer-APL-vt-18 prato ontem  
'Eu comi nesse prato ontem'

### 5.1.2. EXTENSÃO CAUSATIVA

A extensão causativa é marcada com o sufixo -is-;-es- que se associa ao verbo sem qualquer restrição. A causativa faz com que o paciente desencadeie,

faça fazer ou ajude a fazer uma acção expressa pelo verbo na sua forma simples. Tal como acontece com a applicativa, também a causativa aumenta o número de argumentos ao nível sintáctico. Os exemplos 10.b) e 11.b) mostram que a causativa assume dois argumentos. Neste caso passou o verbo comer de transitivo em 10.a) para bi-transitivo em 10.b). Sintacticamente temos 'ana' como OD e 'msima' como OI. Em termos de frequência, a causativa ocupa o terceiro lugar entre as seis aqui estudadas logo a seguir à applicativa e à passiva.

10.a) *Nd-a-dy-a msima*

ms-pass-comer-vt massa  
'Eu comi massa'

10.b) *Nd-a-dy-es-a ana msima*

ms-pass-comer-CAUS-vt crianças massa  
'Eu fiz comer massa às crianças'

11.c) *Ketulo a-ku-mang-a nyumba*

Ketulo ms-pres-construir-vt. casa  
'Ketulo está a construir uma casa'

11.d) *Ketulo a - ku - m - mang - is - a nyumba wancito*

Ketulo ms-pres-mo-construir-CAUS-vt trabalhador casa  
'Ketulo fez o trabalhador construir uma casa'

Há uma certa ambiguidade semântica nalgumas frases onde ocorre a extensão causativa. Tal ambiguidade resulta da semelhança de categoria entre o beneficiário/maleficiário e o paciente. Quando ambos são animados e pertencem à mesma classe nominal, por exemplo, é difícil distinguir o beneficiário/maleficiário do paciente.

12.a) ? *Aboma a - meny - es - a anthu apolisi*

governo pass-bater-APL-vt pessoas polícias  
i. 'O governo fez bater as pessoas pelos polícias'  
ii. 'governo fez bater os polícias pelas pessoas'

Nestes casos só a ordem básica das palavras pode ajudar a desambiguar o sentido da frase. Pois há uma regra geral segundo a qual o beneficiário/malefeciário ocorre na posição adjacente ao verbo enquanto o paciente na periferia do verbo e à direita do beneficiário/malefeciário como se pode observar em 10.b). Assim, aplicando esta regra geral, conforme o resultado pretendido, teríamos as construções apresentadas em 12.b) e 12.c):

12.b) *Aboma a - meny - es - a anthu apolisi*  
governo pass-bater-APL-vt pessoas polícias  
'O governo fez bater as pessoas pelos polícias'

12.c) *Aboma a - meny - es - a apolisi anthu*  
governo pass-bater-APL-vt políciao pessoas  
'O governo fez bater os polícias pelas pessoas'

### 5.1.3. EXTENSÃO PASSIVA

A passiva é marcada pelo sufixo *-idw-; -edw-* ou *-ibw-; -ebw-* (verificamos esta distribuição alomórfica com um único caso, *-dibwa* 'ser comido', e desconhecemos ainda as razões da sua ocorrência). Nas frases em que ocorre um predicado com extensão passiva, há um processo de movimentação do sujeito da activa correspondente para a posição de oblíquo precedido de *ndi* (forma com várias interpretações entre elas a de conjunção copulativa que liga dois ou mais termos da mesma oração), ao mesmo tempo que o argumento pós-verbal se desloca para a posição pré-verbal com a função de sujeito gramatical. Neste tipo de construções não ocorre, como nos outros casos, o aumento do número de argumentos. Há uma troca de posições e de

funções sintácticas entre os dois argumentos, objecto e sujeito respectivamente. Por vezes este processo faz com que um dos argumentos fique de fora como argumento não expresso, como é o caso da 13.c). Firmino (1992:21) diz que “por uma opção o sujeito lógico passa para a posição de oblíquo ou é simplesmente omitido na frase.”

13.a) *Mphaka a-i-dy-a mbewa*  
gato pass-mo-comer-vt rato  
'O gato comeu o rato'

13.b) *Mbewa ya-dy-ibw-a ndi mphaka*  
rato ms-pass-comer-PASSIV-vt pelo gato  
'O rato foi comido pelo gato'

13.c) *Mbewa ya-dy-ibw-a*  
rato ms-pass-comer-PASSIV-vt  
'O rato foi comido'

Em Cinyanja esta é a estratégia da construção da passiva. Uma frase passiva é aquela em que o sujeito gramatical representa não o agente mas o paciente e o agente figura na frase sob a forma de um complemento especial chamado complemento agente da passiva. Na língua nyanja também a passiva tem como função fundamental pôr em relevo o recipiente ou o paciente da acção relegando assim o agente para o segundo plano. O falante nyanja recorre à construção passiva como estratégia de ocultação do agente pela sua irrelevância em relação ao paciente. Até certo ponto podemos considerar esta como uma mudança semântica obtida na base de operações sintácticas. E é por isso mesmo que para os nyanjas o sentido da frase passiva não equivale

necessariamente à sua correspondente activa. Elas são dois modos de apreensão cognitiva que exigem manifestações particulares, dois sentidos diferentes. Por exemplo em (14) tanto no plano semântico como no plano pragmático as intenções de comunicação das duas frases são diferentes, não podendo por isso serem postas em situação de igualdade.

14.a) *T - a - gul - a mkukhu*  
nós-pass-comprar-vt galinha  
'Comparamos uma galinha'

14.b) *Mkukhu y - a - gul - idw - a*  
galinha ms-pass- comprar-PASSIV-vt  
'A galinha foi comprada'

Enquanto nas outras línguas Bantu, como em Elomwe por exemplo, a passiva pode exprimir o aspecto habitual ou gnómico, em Cinyanja tal não é possível. O falante nyanja usa a neutro-passiva (estativa -ek-) para exprimir o aspecto gnómico ou habitual. É por isso que em cinyanja a passiva nunca ocorre com verbos intransitivos.

#### 5.1.4. EXTENSÃO RECÍPROCA

A extensão recíproca é marcada pelo sufixo -an- que exprime o sentido de que há cruzamento de efeitos da mesma acção realizada por dois ou mais protagonistas de uns para outros. "O sentido da recíproca implica a presença de dois ou mais sujeitos. Estes sujeitos são normalmente representados na concordância verbal, podendo contudo serem nomeados", segundo Taljaard (1993:70). Os elementos envolvidos nesta acção são ao mesmo tempo agentes e pacientes e pedem geralmente *ndi*, como ilustra a frase (15.b). Num texto

onde foram identificadas cerca de quatrocentas extensões, a recíproca teve apenas trinta e três ocorrências o que a colocou em quinto lugar na escala de frequência.

15.a) *Silikali ndi mulonda a - ku - men - an - a*  
soldado e guarda ms-pres-lutar-REC-vt  
'O soldado e o guarda estão a lutar'

15.b) *Silikali a - ku - men - an - a ndi mulonda*  
soldado ms-pres-lutar-REC-vt e guarda  
'O soldado está a lutar com o guarda'

Os exemplos acima mostram a possibilidade que o falante nyanja tem de comutar a posição dos elementos envolvidos na frase: podem ocorrer juntos antes do verbo como em 15.a) ou separados pelo verbo como em 15.b).

A nossa intuição de falantes desta língua faz-nos sentir ainda que em Cinyanja semanticamente a extensão recíproca prefere que os agentes, regra geral, sejam da mesma classe nominal para que a frase tenha uma realização natural. No exemplo a seguir em que um dos agentes pertence a uma categoria [+HUMANO] e o outro a uma categoria [-HUMANO], pessoa e cobra respectivamente, a frase é sempre gramatical mas não natural.

16.a) *Munthu ndi ndjoka a - on - an - a*  
pessoa e cobra pass-ver-REC-vt  
'A Pessoa e a cobra viram-se'

Os nyanjas fazem construções perifrásticas nestas situações. Eis um exemplo:

16.b) *Munthu a-ta-on-a ndjoka iyonso i-na-mu-on-a*  
pessoa ms-pass-ver-vt cobra ela ms-pass-mo-ver-vt  
'O homem viu a cobra e a cobra também viu-o'

Sintacticamente esta extensão reduz o número de argumentos do verbo.

17.a) *Paulo w - a - m - meny - a João*  
Paulo ele- pass-mo-bater-vt João  
'O Paulo bateu o João'

17.b) *João w - a - m - meny - a Paulo*  
João ele- pass-mo-bater-vt Paulo  
'O João bateu o Paulo'

17.c) *Paulo ndi João a - meny - an - a*  
Paulo e João ms-bater-REC-vt  
'O Paulo e o João bateram-se'

### 5.1.5. EXTENSÕES REVERSIVAS

Apesar de raras, as construções reversivas ocorrem em Cinyanja e são marcadas pelos sufixos -al-;-ul-. O radical verbal a que se associam estas formas não tem uma realização autónoma. Ocorre apenas quando se lhe associa um dos sufixos da reversiva -al- ou -ul-. As extensões reversivas não interferem na subcategorização sintáctica do radical verbal a que estão associadas pois mantêm o número de argumentos. Estas extensões têm efeitos essencialmente semânticos, sendo uma autónoma da outra. O quadro estatístico mostra quão raras são estas extensões ao ocuparem o último lugar com apenas duas ocorrências num "corpus" de quatrocentas.

18.a) *A-ku-z-al-a cimanga*  
ele-pres-semeiar-REV-vt milho  
'Ele está a semeiar o milho'

18.b) *A-ku-z-ul-a cimanga*  
ele-pres-arrancar-REV-vt milho  
'Ele está a arrancar o milho'

19.a) *Iye a-v-al-a salu*  
ele pres-vestir-REV-vt roupa  
'Ele veste a roupa'

19.b) *Iye a-v-ul-a salu*  
ele pres-despir-REV-vt roupa

'Ele despe a roupa'

Às vezes ocorre um fenómeno fonológico de assimilação. O vozeamento da consoante [k] do verbo como ilustra o seguinte exemplo:

20.a) *A-sek-el-a komo*  
ele-pres-fechar-REV-vt porta  
'Ele fecha a porta'

20.b) *A-seg-ul-a komo*  
ele-abre-REV-vt porta  
'Ele abre a porta'

Outras vezes ocorrem fenómenos fonológicos de supressão:

ie + ul = iul  
e → Ø / \_\_u

e

a + ul = ul  
a → Ø / \_\_u

Veja-se nas seguintes frases:

21.a) *Nd-i-ti-el-a botolo*  
eu-pres-tapar-.REV-a garrafa  
'Eu ponho a rolha na garrafa' ou  
'Eu tapo a garrafa com rolha'

21.b) *Nd-i-ti(e)-ul-a botolo*  
eu-pres-tapar-REV-vt garrafa  
i. 'Eu tiro a rolha da garrafa'  
ii. 'Eu destapo a garrafa'

Como se pode depreender nestas frases, os efeitos semânticos das reversivas mudaram o significado do verbo a que se aplicou o sufixo da extensão. Sendo raras, a sua ocorrência regista-se apenas com alguns verbos, cuja natureza ainda nos é desconhecida.

### 5.1.6. EXTENSÃO ESTATIVA

Esta extensão é marcada pelo sufixo *-ek-;-ik-*. É uma forma qualificativa que indica estado, qualidade imanente ou possibilidade. Ao nível sintáctico reduz o número de argumentos.

22.a) *Ife t-i-on-a nyenyezi*  
nós ms-pres-ver-vt estrelas  
'Nós vemos estrelas'

22.b) *Nyenyezi zi-ma-on-ek-a*  
estrelas ms-pres-ver-EST-vt  
'As estrelas são visíveis'

Tem também o sentido de "pôr uma coisa numa determinada posição quando aplicada a verbos que exprimem uma possibilidade de mudança de posição do objecto a que se referem", de acordo com Meganga e Schadeberg (1992:163) citado por Ngunga (1997:184). Este autor considera este sentido da estativa como sendo uma extensão independente a que chama de impositiva.

23.a) *Iye wa - im - a*  
ele-pass-levantar-vt  
'Ele levantou-se'

23.b) *Iye wā - im - ik- a milimo*  
ele-pass-levantar-EST-vt milimo  
'Ele pôs de pé ou levantou os paus'

23.c) *Iye wa - im - is - a milimo*  
ele pass-levantar-CAUS-vt paus  
i. 'Ele levantou os paus'  
ii. 'Ele pôs de pé os paus'

Embora não podendo explicar aqui como e porquê, este sentido da estativa é em Cinyanja realizado pela extensão causativa, como se pode ver em 23.c).

Por isso julgamos não ser aconselhável confirmar ou negar a existência de tal extensão impositiva independente da estativa nesta língua.

A extensão estativa é designada ainda de neutro-estativa por Matsinhe (1993) e de neutro-passiva por Mchombo (1993). Esta extensão “assemelha-se à passiva no sentido em que ambas se aplicam a verbos transitivos e implicam a supressão do argumento com função de agente enquanto o paciente se torna sujeito” (Firmino 1992:25). A única diferença assinalável é o facto do agente nunca ocupar a posição do paciente como oblíquo na estativa o que acontece na passiva. E isso faz da estativa uma passiva sem agente, de acordo com alguns autores.

24.a) *Inu mw-a-a-meny-a ofooka*  
vocêms ms-pass-mo-bater-vt fracas  
‘Vocês bateram os fracas’

24.b) *Ofooka a-ma-mey-ek-a*  
fracos eles-pres-bater-EST-vt  
i. ‘Os fracas são batíveis’  
ii. ‘Os fracas batem-se’

Os que consideram a estativa de neutro-passiva são levados pela sua semelhança com a passiva sobretudo na sua forma qualificativa, passiva sem agente, “e cujo sujeito atingiu um dado estado por sua própria virtude” (Sitoe, 1985:33). Comparem-se, por exemplo, as seguintes frases (7a) e (7b) retiradas de (Sitoe, 1985:31), com as de Cinyanja (25.a) e (25.b).

(7.a) *Ndzilo wu timiwile* (passiva) ‘o lume foi apagado (por alguém)’  
(7.b) *Ndzilo wu timekile* (estativa) ‘o lume apagou-se (por si mesmo)’

25.a) *Komo l-a-sek-edw-a*  
porta ms-pass-fecha-PASSIV-vt  
‘A porta foi fechada (por alguém)’

25.b) *Komo l-a-sek-ek-a*

porta ms-pass-fecha-EST-vt

'A porta fechou-se (por si mesma) ou (está fechada)'

De acordo com Ngunga (1997:201) "a estativa tem uma multiplicidade de sentidos que variam de radical para radical a que ela se aplica".

### 5.1.7. EXTENSÕES INTENSIVAS

Neste trabalho apresentamos duas extensões intensivas. A primeira é marcada pelo sufixo *-eses-* e a segunda é marcada pelo sufixo *-e-lel-*. Tal como os sufixos da applicativa, da causativa e estativa, os das intensivas têm uma distribuição alomórfica determinada pela regra da harmonia vocálica. As extensões intensivas diferem das coocorrências extensivas pelo facto daquelas exprimirem a intensidade da acção expressa pelo verbo enquanto que estas implicam mudanças de sentido do verbo de base. As intensivas retomam o sentido do radical simples deixando de lado o do radical extenso e são como uma reduplicação do sufixo que marca a extensão. Esta é também uma outra questão que se levanta. Se devemos, de facto, considerar esse sufixo como sendo uno e indivisível ou uma simples reduplicação do mesmo sufixo como certos autores sugerem? Nós ainda não temos argumentos suficientes para tratar a intensiva como uma reduplicação. Precisamos de reunir mais dados. Thomas (1947:200) diz que as extensões intensivas são "uma simples duplicação do mesmo afixo significando acção intensa ou extraordinária" e demonstra isso com as seguintes frases:

Mwana analilitsitsa: 'The child cried terribly' (a criança chorou  
terrivelmente)

Mvetsetsani: 'listen carefully, pay attention' (escute atentamente).

Nós preferimos, por enquanto, considerar isso como uma extensão intensiva. E apresentamos as seguintes frases onde ocorre a intensiva de -eses-:

26.a) *Cisisi ci-ma-on-a usiku*  
mocho ms-pres-ver-vt a noite  
'O mocho vê a noite'

26.b) *Cisisi ci-ma-on-eses-a usiku*  
mocho ms-pres-ver-INT-vt noite  
'O mocho vê melhor ou sobremaneira a noite'

#### INTENSIVA de -elel-

De acordo com o nosso quadro estatístico, registamos vinte e duas extensões intensivas, distribuídas pelos sufixos já indicados no princípio desta secção e que consideramos como sendo duas marcas da mesma intensiva. E tanto uma como outra exprimem apenas a intensificação da acção expressa pelo verbo.

27.a) *A-ku-yend-a pamodzi*  
eles-pres-andar-vt juntos  
'Eles andam juntos'

27.b) *A-ku-yend-elel-a pamodzi*  
eles-pres-andar-INT-vt juntos  
'Eles frequentemente andam juntos'

Taljaard (1993:73) diz que "em zulu a extensão -elel- pode ser considerada uma reduplicação da applicativa -el- apesar do seu sentido não ser sempre o mesmo. Os sentidos expressos por este sufixo -elel- podem ser diversos, mas normalmente centram-se à volta da ideia de repetição da acção, intensificação da acção ou uma execussão perfeita de tal acção". Isto pode-se dizer também

do Cinyanja. Sintacticamente não alteram a estrutura do verbo e não têm nenhuma restrição.

As extensões intensivas são um processo morfológico pouco frequente. Sendo a sua função a de indicar acção intensiva ou rigorosa, o seu uso tem sido substituído pelos adjectivos e pelos qualificadores que cada vez mais se tornam preferência dos falantes do Cinyanja. Thomas (1947) chega a dizer que nalgumas línguas Bantu já se perderam as intensivas e noutras elas estão a cair em desuso.

## **5.2. COCORRÊNCIA DAS EXTENSÕES VERBAIS**

Depois de termos falado das extensões verbais passamos, neste subcapítulo, a tratar da coocorrência das extensões. A nossa maior preocupação neste subcapítulo será de analisar em primeiro lugar as combinações possíveis e de seguida a ordem de precedência nas combinações no que diz respeito ao sentido das frases aplicando o critério da comutabilidade. Este critério consiste em comutar a posição das extensões no mesmo radical verbal para analisar os seus efeitos semânticos. Dado que nalguns casos as combinações são regidas por certos critérios que fazem com que umas coocorrências sejam possíveis e outras impossíveis ou duvidosas, procuraremos analisar quais são esses critérios ao longo da apresentação das combinações possíveis, impossíveis e/ou duvidosas. Por fim daremos um quadro de sistematização de tais dados em anexo.

Segundo Guthrie (1970:110), "um dos mais complicados aspectos da ocorrência das extensões é a sua capacidade de combinar, que é considerável em muitas línguas." Na língua nyanja, por exemplo, podem coocorrer duas extensões (casos frequentes) ou mesmo três (casos pouco frequentes) no mesmo verbo. E há quem admite mesmo a coocorrência de muito mais extensões no mesmo radical. A propósito, Siteo (1985:31) diz que em Tsonga "teoricamente é possível associar todas as extensões num mesmo radical verbal, contudo há morfemas de extensão que ocorrendo num radical excluem a presença de outros". Em Cinyanja também nem todas as coocorrências são possíveis dado que a ocorrência de certas extensões exclui a possibilidade de ocorrência de outras. A passiva e a recíproca por exemplo, anulam-se mutuamente, isto é, a ocorrência de uma impede a ocorrência da outra no mesmo radical. No exemplo que a seguir apresentamos nota-se a coocorrência das extensões reversiva, causativa, applicativa e recíproca num mesmo radical verbal.

28.a) *Anthu a - ku - seg - ul - is - il - an - a makomo*  
pessoas ms pres-abril REV-CAUS-APL-REC-vt portas  
'Pessoas fazem-se abrir portas umas para as outras'

### 5.2.1. CAUSATIVA E RECÍPROCA

Em Cinyanja há restrições quanto à ordem e à precedência no que se refere à coocorrência das extensões causativa e recíproca, regra geral. Tanto uma como outra obedecem à certas restrições e por isso mesmo não podem coocorrer alternadamente sem causar agramaticalidade na frase. Contudo, há

algumas excepções (muito raras e sem exemplos aqui) em que a alteração é mais pragmática que semântica. Mas na maioria dos casos isso não acontece. Os seguintes exemplos que apresentam frases em que a ordem de precedência das suas extensões foi comutada ilustram a agramaticalidade de tal procedimento.

29.a) *A-gul-a cimanga*

pres-comprar-vt milho  
'Eles estão a comprar milho'

29.b) *Aku-gul-is-an-a cimanga*

eles-pres-comprar-CAUS-REC-vt milho  
i. 'Eles estão a vender milho um ao outro'  
ii. 'Eles fazem comprar milho um ao outro'

29.c) \* *A-ku-gul-an-is-a cimanga*

eles-pres-comprar-REC-CAUS-vt milho

### 5.2.2. APLICATIVA E RECÍPROCA

Estas duas extensões exprimem, quando aplicadas ao mesmo radical verbal na maioria dos casos do Cinyanja, sentimentos duma relação de reciprocidade. Se a extensão applicativa indica uma acção em que um agente transfere alguma coisa para um beneficiário/maleficiário ou recipiente (destinatário) e se por seu turno a recíproca exprime o sentido de que a acção (acto) realizada por dois ou mais protagonistas recai sobre os mesmos, isto é, os elementos envolvidos nesta acção são ao mesmo tempo agente e paciente, logo a transferência do acto é nos dois sentidos. Sendo ambos agentes são ambos beneficiários.

30.a) *Kalulu a-pik-a maungo*

coelho pass-cozinhar-vt-abôbora  
'O coelho cozinhou abôboras'

- 30.b) *Kalulu ndi kamba a-pik-il- an-a maungo*  
coelho e câgado eles-pass-cozinhar-APL-REC-vt abóboras  
'O coelho e o câgado cozinham abóboras um para outro'

No que diz respeito à precedência entre a applicativa e a recíproca não há comutabilidade. Apenas a applicativa pode preceder a recíproca e não o inverso.

- 30.c) \**Kalulu ndi kamba a-pik-an-il-a maungo*  
'coelho e câgado pass-cozinhar-REC-APL-vt abóboras'

### 5.2.3. APLICATIVA E PASSIVA

Tal como acontece com a applicativa e a estativa entre a applicativa e a passiva não há comutabilidade. Apenas a applicativa pode preceder a passiva. A acção que com a applicativa se transfere para o beneficiário é a mesma que o beneficiário sofre pelos efeitos da passiva. Esta é uma conjugação harmoniosa entre todas as coocorrências. Há uma relação semântica perfeita entre elas. Os exemplos são bem ilustrativos.

- 31.a) *Ine nd-a-gul-a magalasi*  
eu ms-pass-comprar-vt vidros  
'Eu comprei vidros'
- 31.b) *Ine nd-a-i-gul-il-a nyumba magalasi*  
eu ms-pass-mo-compra-APL-vt casa vidros  
'Eu comprei vidros para casa'
- 31.c) *Nyumba y-a-gul-il-idw-a magalasi*  
casa ela-pass-comprar-APL-PASSIV-vt vidros  
'Foram comprados vidros para a casa'
- 31.d) \**Nyumba y - a - gul - idw - il - a magalasi*  
casa ela-pass-comprar-PASS-APL-vt vidros

Sempre que um paciente sofre uma acção há logicamente um agente que desencadeia tal acção, ainda que às vezes seja o mesmo sujeito, casos do

sujeito/agente e sujeito/paciente que ocorrem com as formas reflexivas dos verbos do Cinyanja. Podemos dizer, pois, que o beneficiário que o é pelos efeitos da applicativa, se torna sujeito/paciente e não sujeito/agente pelos efeitos da passiva. Os exemplos mostram que caso seja só passiva o beneficiário é antecedido pelo agente da passiva “ndi”, veja-se a frase 30.d). Mas quando se integra a applicativa o agente passa para o beneficiário como mostra a tradução literal da frase 30.e).

#### 5.2.4. APLICATIVA E ESTATIVA

Há uma comutabilidade entre estas duas extensões que depende do tipo dos verbos envolvidos. No estudo que fizemos, por exemplo, encontramos quatro casos envolvendo quatro tipos de verbos.

O primeiro caso é constituído por verbos como *-gula* que, segundo a regra geral, admitem a alternância na ordem de coocorrência (APL-EST e EST-APL) sem causar mudanças semânticas.

32.a) *Pansika pa - ma - gul - ik - il - a amango*  
No mercado ms-pres-comprar-APL-EST-vt mangas  
'No mercado as mangas compram-se'

32.b) *Pansika pa - ma - gul - il - ik - a amango*  
No mercado ms-pres-comprar-EST-APL -vt mangas  
'No mercado as mangas compram-se'

O segundo caso, bem como o terceiro e o quarto, consideramos exceção. É constituído por verbos que apenas admitem a ordem (EST-APL) como o verbo *-ona* 'ver'.

33.a) *Anthu a - ku - on - ek - el - a pawindo*  
pessoas ms-pres-ver-EST-APL-vt pela janela  
'As pessoas são visíveis pela janela'

33.b) \**Anthu a - ku - on - el - ek - a pawindo*  
pessoas ms-pres-ver- APL - EST -vt pela janela

O terceiro caso é de verbos que só admitem a seguinte ordem de precedência (APL-EST). Nesta ordem, o beneficiário que o é pelos efeitos da applicativa adquire uma qualidade, a de ser ou não ser recebível (recebido), pelos efeitos da estativa. O contrário não é aceitável.

34a) *Kalata i - land - il - ek - a*  
carta fut-receber-APL-EST-vt  
'A carta será recebível'

34.b) \**Kalata i - land - ek - il - a*  
carta fut-receber-EST-APL-vt

O quarto caso é de verbos que não admitem coocorrência entre estas duas extensões. Tal é o caso com o verbo *-uluk* 'voar'.

35.a) \**Mbalame ya - wuluk - il - ek - a mapiko*  
pássaro pass-voar-APL-EST-vt asas

35.b) \**Mbalame ya - wuluk - ek - il - a mapiko*  
pássaro pass-voar-EST-APL-vt asas

Isto mostra que a comutabilidade destas duas extensões está dependente de certos verbos que não cabe no âmbito deste trabalho classificá-los. Assim, se

por um lado a applicativa transfere uma acção para um beneficiário (recipiente ou destinatário) e se por outro lado a estativa é apenas uma forma qualificativa, há possibilidade da applicativa preceder a estativa para que o beneficiário seja o receptor da acção podendo, pelos efeitos da estativa, ser qualificável.

### 5.2.5.CAUSATIVA E ESTATIVA

As extensões causativa e estativa coocorrem naturalmente. Estamos em crer que estas duas extensões são as únicas que podem coocorrer com todas as restantes tendo apenas restrições na sua ordem de precedência. Apenas a causativa pode preceder a estativa.

36.a) *Iwo a-gul-a cimanag*  
eles pres-comprar-vt milho  
'Eles estão a comprar milho'

36.b) *Iwo a-gul-is-a cimanga*  
eles pres-comprar-CAUS-vt milho  
'Eles estão a vender milho'

36.c) *Cimanga ci-ku-gul-is-ek-a*  
milho ms-pres-comprar-CAUS-EST-vt  
'O milho vende-se ou é vendível'

Estes exemplos confirmam de facto o que dissemos acima que se a causativa faz com que o paciente desencadeie uma acção, a estativa faz com que essa acção lhe seja uma qualidade imanente.

## CAPÍTULO VI - Conclusão

Depois de termos tratado das extensões verbais e das coocorrências das extensões verbais, pensamos que, de facto, fizemos o que nos havíamos proposto no princípio deste trabalho. Sendo este um trabalho de projecto, o que nos dá à partida possibilidades de voltarmos a ele mais oportunamente e com mais profundidade, achamos que há ainda muito trabalho por fazer nesta área.

Feito o estudo de várias extensões em Cinyanja, verificamos que semanticamente elas deveriam ser tratadas como um processo morfológico que actua na formação de novos verbos. Ao longo deste trabalho algumas questões ficaram em aberto, por exemplo, o caso das coocorrências de três ou mais extensões que aqui não foi tratado. Muitos problemas também foram levantados e achamos que numa próxima ocasião eles serão devidamente tratados. A primeira questão que se levanta é de saber se o sufixo -es- que marca a extensão causativa é o mesmo sufixo -es- que marca a extensão intensiva. Estaremos perante um mesmo sufixo que marca duas extensões distintas e que mereçam tratamento diferenciado ou é apenas uma extensão com dois sentidos? Outro caso a ser estudado é o da extensão recíproca. A nossa intuição de falantes de Cinyanja fez-nos sentir que nesta língua a extensão recíproca semanticamente prefere que os agentes sejam da mesma classe nominal para que a frase tenha uma realização natural. Há ainda a questão das extensões reversivas. O radical verbal a que estas extensões se

associam não tem realização autónoma. Ocorre apenas quando se lhe associa um dos sufixos reversivos -al- ou -ul- . O problema que se coloca é de saber qual destes dois sufixos encerra o sentido primário que é desfeito pelo outro. Ou melhor, qual dos dois sufixos é o "positivo" e qual é o "negativo"? Há por último a necessidade de se aprofundar a questão das extensões intensivas. Será que o sufixo que as marca é uno e indivisível ou é uma reduplicação já que a sua constituição morfológica sugere exactamente uma reduplicação?

É nosso propósito que mais tarde voltemos a estas questões para aprofundá-las com todo o rigor científico que elas merecem.

## BIBLIOGRAFIA

1. ALSINA, A. & MCHOMBO, Sam (1990) Object Asymmetries in Chichewa, Stanford University and University of California. Berkeley
2. BAKER, M. (1985) "The Mirror Principle and Morphosyntactic Explanation", in Linguistic Inquiry 16. Chicago: University of Chicago Press
3. BAKER, M. (1988) Theta Theory and The Syntax of Applicatives Chichewa, Natural Languages and Linguistic Theory. Chicago: University of Chicago Press
4. CHICUECUE, C. Geraldo Macalane & Fernando E. Ketulo. (1997) Bhuku la chinyaja, bukhu la 5, Maputo: INDE
5. CHILIPAINE, F. A. (s/d) Expression of Tense and Aspect in Chichewa, Malawi: Malawi University Press .
6. CHOMSKY, N. (1981) Lectures on Government and Binding, Dordrecht: Foris
7. COMPANHIA DE JESUS. (1964) Dicionário Português/Nyanja , Lisboa: Junta de Investigação do Ultramar
8. DUCROT, O. & TODOROV, T. (1982) Dicionário das Ciências da Linguagem, Lisboa: Publicações Dom Quixote
9. DIJK, T. (1977) Text and Context Explorations in the Semantics and Pragmatics of discourse, New York: Longman Group Ltd
10. FIRMINO, G. D. (1992) "The Syntax of Bantu Verbal Extensions (with special reference to Gitonga)", A field statement in partial fulfillment of the requirements for Advancement to Ph. D. Candidacy in Socio-Cultural Anthropology. Berkeley: University of California (não publicado).
11. GUTHRIE, M. (1970) The Status of Radical Extensions in Bantu Language Collected Papers in Bantu Language. London: Gregg International Publishers
12. LOPES, A. J. (ed.) (1991) Proceedings of the Third Lasu Conference/workshop, The Linguistics Association for SADC Universities LASU. Maputo: Imprensa Universitária

13. MATSINHE, S. (1891) "Reflexive in Xitsonga" in Actas do VII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa
14. MATSINHE, S. (1993) The Status of Verbal Affixes in Bantu Language with special reference to Tsonga: Problems and Possibilities, Pretoria: Department of African Languages, University of South Africa
15. MCHOMBO, S. (1993) "Object Asymmetries and the Chichewa Applicative" in Theoretical Aspects of Bantu Grammar CSLI Publications 1993
16. Mtunda 7, Chichewa for Standard, Blantyre: Dzuka Publishing Company Limited Malawi
17. NANKWENYA, I. A. J. (1992) Zofunika Mu Galamala ya Chichewa Blantyre: Dzuka Publishing Campany.
18. NELIMO (1989) I Seminário Sobre a Padronização da Ortografia das Línguas Moçambicanas, Maputo: Nelimo-UEM/INDE.
19. NGUNGA, A. S. A. (1997) Lexical Phonology and Morphology of the Ciyao Verb Stem. A dissertation submitted in partial satisfaction of the requirements for the degree of Doctor of Philosophy in linguistics. University of California, Berkeley (não publicado).
20. NHAOMBE, H. (1991) "Semântica de Expressões Idiomáticas do Tsonga formadas a partir de Metáfora antropomórficas e de metáforas animais", Tese para obtenção do grau de licenciatura na Faculdade de Letras da Universidade E. Mondlana (não publicado).
21. PRICE, T. (1977) The Elements of Nyanja, Blantyre: Church of Scotland Mission.
22. KAMTEDZA, J. D. G. (1964) Elementos da Gramática Cinyanja, Missionários da Companhia de Jesus. Lisboa: Junta de Investigação do Ultramar.
23. KAPLAN, R. & BRESNAN, J. (1982) "Lexical-Functional Grammar: A Formal System for Grammatical Representation" in Bresnan, J. (ed.) The Mental Representation of Grammatical Relations, Cambridge: MA; MIT Press.

24. SITO, B. (1985) "Categoria das Extensões Verbais na Língua Tsonga"  
in Limani 4 pp 29-41
25. Taljaard, P. C. & Bosch S. E. (1993) Handbook of Isizulu  
Pretoria: I. L. van Schaik
26. THOMSON, T.D. (1955) A Practical Approach to Chinyanja, Zomba:  
Government Printer
27. Zambian Languages-orthography Approved by Ministry of Education  
(1964) Zambia: Government Press

## 6. Anexos

### 6.1. Quadro das extensões verbais

SUFIXO	EXTENSÃO	EXEMPLO
-IS-;-ES	Causativa	-gul-is-a "vende"
-IR- ; -ER-	Aplicativa	-gul-ir-a "compra para"
-IDW-;-EDW-	Passiva	-gul-idw-a "é comprado"
-EK-;-IK-	Estativa	-gul-ek-a "é comprável"
-AN-	Recíproca	-gul-an-a "compram-se"
-UL-	Reversiva	-seg-ul-a "abre"

### 6.2. Quadro das coocorrências\*.

1ª \ 2ª	APL	CAUS	EST	PASSIV	REC	REV
APL	+	+	+	+	+	-
CAUS	+	+	+	+	+	-
EST	+	+	?	?	?	-
PASSIV	-	-	-	-	-	-
REC	-	-	-	-	-	-
REV	+	+	+	+	+	-

### 6.3. Quadro estatístico da distribuição das extensões.\*

Nº de ordem	Extensão	Nº de ocorrência	Porcentagem
1ª	Aplicativa	146	37%
2ª	Passiva	87	22%
3ª	Causativa	81	20%
4ª	Estativa	51	13%
5ª	Recíproca	33	8%
6ª	Reversiva	2	0,5%
Total	6	400	100%

#### 6.4. Quadro da ordem das ocorrências.\*

Extensão	1ª Posição	2ª Posição
Aplicativa	8	14
Passiva	0	2
Causativa	7	9
Estativa	12	0
Recíproca	0	6
Reversiva	1	0

#### SINALÉTICA:

+ : Ocorre ou existe

- : Não ocorre

? : Possível mas não natural

\* : O levantamento estatístico das extensões verbais foi feito em dois livros de textos diversos

1ª e 2ª : Posição da ocorrência

## Errata

<i>Na página</i>	<i>linha</i>	<i>onde se le</i>	<i>leia-se</i>
iii	1	pa,i	pai
iii	2	querida,s	querida,
iv	1	discusões	discussões
iv	4	“desencotramo-nos”	“desencontramo-nos”
v	3	indicados	indicadas
13	19	a Bíblia, e	a Bíblia e
14	19	analisar	analisar
25	15	cinyanja	Cinyanja
37	5	30.d)	30.b)
37	7	30.e)	30.c)
40	1	Capítulo VI- Conclusão	Conclusão

## *CURRICULUM VITAE*

### *Contacto:*

Fernando Ernesto "Ketulo"  
Av. Karl Marx n.º 1853 1.º Esq  
Caixa Postal n.º 2671  
Maputo - República de Moçambique

### *Identificação:*

Fernando Ernesto filho de Ernesto Pedro e de Agnes Kupone, nascido a 08 de Abril de 1964 em Têngua-Milange, Zambézia, portador do BI n.º 4720349 emitido pelo Arquivo de Identificação de Ouelimane a 21 de Agosto de 1994, solteiro e o 2.º de 4 irmãs.

### *Perfil Académico:*

- 1997 - Finalista do Curso de Linguística: 5.º Ano de Linguística na Faculdade de Letras da Universidade Eduardo Mondlane (estando presentemente a preparar o trabalho de diploma-Tese de Licenciatura).
- 1994 - Ingresso na Faculdade de Letras da Universidade Eduardo Mondlane para o Curso de Licenciatura em Linguística.
- 1990 - Finalista do Curso de Filosofia: 3.º Ano de Filosofia no Seminário Maior Interdiocesano de Santo Agostinho.
- 1988 - Ingresso no Seminário Maior Interdiocesano de Santo Agostinho.
- 1987 - Curso de Antropologia Sócio-cultural e Etnolinguística  
- Curso de Cultura e Língua Italiana.
- 1986 - Ensino Médio: 12.ª classe no Seminário Médio do Bom Pastor na Beira.
- 1984 - Ensino Secundário: 9.ª classe (10.ª do Sistema Nacional de Educação) na Escola Secundária de Moçuba.
- 1981 - Ensino Secundário: 6.ª classe na Escola Secundária Maguigane de Milange.
- 1979 - Ensino Primário: 4.ª classe no Centro Educacional de Têngua-Milange.

### *Experiência Profissional:*

- Vasta experiência na área de Formação e Educação.
- Vasta experiência na área de Pesquisa Sócio cultural e Lingüística.

1996 ao presente momento: Consultor Lingüístico do INDE (Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação) na área de elaboração de manuais para o PEBIMO (Projecto uma Experiência de Ensino Bilingue em Moçambique).

1997 - Monitor/Facilitador do Curso de Capacitação de professores em Inhambane.

- Monitor/Facilitador do Seminário de Capacitação dos professores em Tete.
- Membro da equipa central do INDE, no Intercâmbio Pedagógico com o Malawi para o ensino de Cinyanja-Chichewa.

1994/95-Professor de Língua Portuguesa para as 11ª e 12ª classes no Liceu Alvorada (uma Instituição de Ensino Privado em Maputo).

1990/96-Director da Escola Comunitária da Paróquia das Vitórias em Maputo.  
-Professor de Moral da Escola Comunitária da Paróquia das Vitórias em Maputo.

### *Trabalhos Realizados:*

1996 - Co autor do livro de leitura da 5ª classe para o ensino bilingue do Projecto PEBIMO (no Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação).

- Co-autor do manual do professor da 5ª classe para o ensino bilingue do PEBIMO.
- Autor do manual para o Curso de Capacitação de professores do PEBIMO.

1995 - Vários trabalhos de pesquisa social na área da Educação, Informação e Publicidade.

1994/95- Vários trabalhos de investigação na área de Linguística Bantu apresentados no Curso de Linguística Descritiva das Línguas Bantu na Faculdade de Letras da Universidade Eduardo Mondlane.

### *Outros Conhecimentos:*

1996 - Curso de Informática:  
D Base  
WP 5.1  
Lotus 123